



CIEB
SESI
SENAI
IEL

Federação das Indústrias do Estado da Bahia

Relatório de análise setorial da indústria baiana

Edição 01 | Ano 2011

Diretoria Executiva
Superintendência de Desenvolvimento Industrial





Relatório de análise setorial da indústria baiana

O relatório de Análise Setorial da indústria Baiana é uma publicação trimestral da Federação das Indústrias do Estado da Bahia – FIEB, produzido pela Superintendência de Desenvolvimento Industrial (SDI).

Presidente: José de F. Mascarenhas

Diretor Executivo: Roberto de Miranda Musser

Superintendente: João Marcelo Alves
(Economista, Mestre em Administração pela UFBA/ISEG-UTIL,
Especialista em Finanças Corporativas pela New York University)

Equipe Técnica: Marcus Emerson Verhine
(Mestre em Economia e Finanças pela Universidade de Califórnia)

Carlos Danilo Peres Almeida
(Mestre em Economia pela UFBA)

Ricardo Menezes Kawabe
(Mestre em Administração Pública pela UFBA)

Mauricio West Pedrão
(Mestre em Análise Regional pela UNIFACS)

Giselda Federico
(Especialista em Gestão de Empresas pelo CENID)

Daniella Barreto Cunha
(Mestre em Marketing Internacional pela Universidade de Ciências Aplicadas
de Reutlingen – Alemanha)

Alba Luciene S. Virgens M. dos Santos
(Suporte e Assistência Técnica)

Estagiários: André Ferraz de Oliveira
Vanessa Gonçalves Azevedo

Layout e Diagramação: SCI – Superintendência de Comunicação Institucional

Data de Fechamento: 17 de Junho de 2011

Críticas e sugestões serão bem recebidas.
Endereço Internet: <http://www.fieb.org.br>
E-mail: cin-fieb@fieb.org.br
Reprodução permitida, desde que citada a fonte.



Nota ao leitor

Buscando melhor adequar os seus produtos às necessidades dos seus Clientes, a Equipe de Estudos Econômicos da FIEB apresentará ao longo desse ano algumas mudanças nos seus estudos e relatórios. Tais mudanças envolverão não apenas a forma, mas também a disposição dos textos, o seu conteúdo e abordagem. Novos produtos serão criados e os atuais, revistos.

Este documento é resultado do desmembramento da seção Indicadores IBGE do relatório mensal de Acompanhamento Conjuntural. O objetivo é aprofundar a análise dos principais segmentos da indústria de transformação da Bahia, destacando o seu desempenho e as perspectivas de produção, preços e exportações. O *Relatório de Análise Setorial da Indústria Baiana* também apresenta os principais resultados dos balanços trimestrais de empresas âncoras de cada segmento, assim como os investimentos anunciados para os próximos anos.

O *Relatório de Análise Setorial da Indústria Baiana* passa a ser uma publicação trimestral da FIEB e está dividido em 3 seções: (i) **Destaques** apresenta, de forma concisa, comentários sobre o resultado mais recente da Pesquisa Industrial Mensal Produção Física Regional (PIMPF-R) do IBGE e os pontos de destaque dos principais segmentos da indústria de transformação da Bahia; (ii) **Análise dos Segmentos Industriais Selecionados** traz informações mais detalhadas sobre o desempenho dos segmentos: Refino de Petróleo e Produção de Álcool, Produtos Químicos/Petroquímicos; Alimentos e Bebidas; Veículos Automotores; Celulose e Papel; e Metalurgia Básica; e (iii) **Anexos** é composto por tabelas e gráficos das pesquisas industriais mensais do IBGE (PIMPF-R e Pesquisa Industrial Mensal de Emprego e Salário - PIMES) e das exportações baianas por seção NCM.

Superintendência de Desenvolvimento Industrial



INDÚSTRIA DE TRANSFORMAÇÃO BAIANA FOI A ÚNICA QUE REGISTROU TAXA ANUALIZADA NEGATIVA EM ABRIL

Em abril, a taxa anualizada da produção física da indústria de transformação da Bahia foi de -0,8%, primeira taxa negativa desde fevereiro de 2010, contra uma expansão de 1,2% registrada em março, confirmando a trajetória descendente iniciada no último trimestre do ano passado. A Bahia ficou em último lugar no ranking dos 13 estados que participam da PIMPF-R e foi o único estado que apresentou taxa anualizada negativa em abril. Tal resultado pode ser atribuído à retração de apenas dois dos oito segmentos pesquisados: Produtos Químicos/Petroquímicos (-14,6%) e Metalurgia Básica (-2,2%). Por outro lado, os segmentos de Borracha e Plástico (11,5%), Alimentos e Bebidas (10%), Minerais não-metálicos (9,8%), Refino de Petróleo (8,3%), Veículos Automotores (5,6%), e Celulose e Papel (2%) apresentaram resultados positivos.

Na comparação do 1º quadrimestre de 2011 com igual período do ano anterior, a produção física da indústria de transformação baiana registrou queda de 8,5% contra uma alta de 1,5% da média nacional, refletindo, principalmente, a interrupção do fornecimento de energia elétrica que atingiu o Nordeste entre os dias 3 e 4 de fevereiro, com maior impacto sobre o Pólo Petroquímico de Camaçari, cuja produção de matérias-primas só foi normalizada em meados de fevereiro. Apresentaram resultados negativos três dos oito segmentos pesquisados: Produtos Químicos/Petroquímicos (-25,2%, menor fabricação de etileno não-saturado e polietileno de baixa densidade), Metalurgia Básica (-8,6%, queda na produção de alumínio não ligado em formas brutas, por conta do fechamento da planta da Novelis no final de 2010, e de ouro em barras) e Refino de Petróleo (-7,8%, menor fabricação de óleo diesel e nafta



petroquímica). Por outro lado, cinco segmentos registraram resultados positivos: Borracha e Plástico (12%, aumento da produção de garrafas, garrafas e frascos de plástico), Minerais não-metálicos (10,5%, crescimento da fabricação de cimentos portland e ladrilhos e placas de cerâmica), Alimentos e Bebidas (10,4%, maior produção de chopes e cervejas), Veículos Automotores (9,6%, expansão sobre uma base de comparação deprimida, já que foram concedidas férias coletivas entre 10 e 24 de fevereiro de 2010), e Celulose e Papel (1%).

Na comparação de abril de 2011 com igual mês do ano anterior, a produção física da indústria de transformação baiana registrou retração de 4,2% (contra uma queda de 1,5% da média nacional). Registraram quedas os segmentos: Celulose e Papel (-15,2%, menor fabricação de celulose e papel não-revestido), Produtos Químicos/Petroquímicos (-13,5%, redução na produção de polietileno de alta densidade, polietileno de baixa densidade e etileno não-saturado), Metalurgia Básica (-7,6%, queda na produção de alumínio não-ligado em formas brutas e ouros em barras), Veículos Automotores (-2%), e Refino de Petróleo (-0,9%). Dentre os segmentos que registraram expansão, destacam-se Minerais não-metálicos (16,5%, em virtude do aumento da fabricação de cimento e massa de concreto), Alimentos e Bebidas (12,8%, maior produção de café torrado e moído e refrigerante), e Borracha e Plástico (9,6%).

Mesmo com a normalização da produção de petroquímicos nos próximos meses, a interrupção do fornecimento de energia elétrica verificada em fevereiro deverá comprometer o resultado da produção da indústria de transformação baiana no 1º semestre deste ano, que deverá ficar abaixo do registrado em igual período de 2010. A indústria baiana, sobretudo os segmentos produtores de bens de consumo, deverá acompanhar a tendência nacional de desaceleração da



produção, refletindo os impactos negativos da inflação sobre o poder de compra da população e das medidas de contenção do crédito adotadas pelo Governo.

DESTAQUES SETORIAIS

Refino de Petróleo e Produção de Álcool

O setor de refino da Bahia apresentou resultados negativos no primeiro quadrimestre do ano. O pior desempenho pode ser explicado pela elevada base de comparação de 2010, que apresentou a maior produção para o 1º quadrimestre da série histórica da ANP, iniciada em 2000. Adicionalmente, algumas paradas programadas de manutenção em unidades da RLAM contribuíram para a queda da produção. A tendência para o ano de 2011 é de que o índice de produção caia ainda mais por conta de novas paradas programadas nas unidades da RLAM.

Químicos/Petroquímicos

A indústria petroquímica baiana apresentou resultados negativos expressivos no 1º quadrimestre de 2011, devido à interrupção no fornecimento de energia elétrica ocorrido em fevereiro, que paralisou plantas importantes no Pólo de Camaçari. De acordo com análise da Braskem, as perspectivas para o segmento petroquímico em 2011 apontam para um cenário de crescimento do mercado brasileiro de resinas termoplásticas da ordem de 10%. Há previsão de continuidade da volatilidade dos preços da nafta petroquímica, por conta dos conflitos nos países árabes. A alta de preços dos insumos deve afetar negativamente as margens de lucro.



Alimentos e Bebidas

O cenário é de alta nos preços praticados nos mercados das principais *commodities*, como soja, milho, algodão, trigo e café. Esse ambiente é explicado pelo aumento do consumo por parte de países emergentes, como China e Índia, e pelas quebras de safra decorrentes de fatores ambientais em diferentes partes do mundo. A Bahia, que apresenta altas taxas de produtividade de soja, milho e algodão na região Oeste, deve se beneficiar do atual cenário, já que a tendência nos próximos anos é de manutenção dos preços em patamares relativamente altos.

Veículos Automotores

As vendas de veículos continuam em alta, mas a um ritmo abaixo do verificado no ano anterior por conta dos impactos das medidas de restrição ao crédito. O desempenho do segmento continua baseado no crescimento do mercado interno. Por outro lado, a competitividade no mercado externo tem sido extremamente prejudicada pela valorização cambial, o que reduz o potencial exportador e atrai cada vez mais a entrada de insumos e veículos importados.

Celulose e Papel

O segmento passa por um cenário de estabilidade após a recuperação dos efeitos da crise econômica mundial. Enquanto em nível nacional já se verifica uma retomada dos investimentos, os projetos de ampliação previstos para a Bahia têm sido postergados. A produção de celulose de fibra curta, baseada em florestas de eucalipto, é bastante competitiva no Brasil e na Bahia, pelas condições favoráveis de solo, clima, precipitação



pluvial, radiação etc., que reduzem substancialmente o ciclo de produção, em comparação aos produtores tradicionais do hemisfério norte.

Metalurgia Básica

O segmento tem apresentado um nível de produção abaixo do verificado no ano anterior, porém a alta de preços no mercado internacional e a mudança no *mix* de produtos vendidos têm impulsionado as exportações e o faturamento das empresas, sobretudo das fabricantes de cobre eletrolítico e ferro-ligas. O segmento deve continuar a se beneficiar dos altos preços dos metais e dos resultados positivos dos negócios de cobre e ferro-ligas, que deverá compensar os efeitos negativos para o setor do fechamento da planta de alumínio da Novelis no final de 2010.

ANÁLISE SETORIAL

Refino de Petróleo e Produção de Álcool

(35,9% do VTI da Bahia em 2008)

A tabela a seguir mostra a produção de derivados de petróleo da RLAM no primeiro quadrimestre de 2011, em comparação com igual período do ano anterior.

RLAM: Produção de Derivados de Petróleo

	Em barris equivalentes de petróleo (bep)		
	Jan-Abr 10	Jan-Abr 11	Var. (%)
Óleo Diesel	10.998.383	10.411.240	-5,3
Óleo Combustível	9.664.649	9.290.813	-3,9
Gasolina A	4.678.673	4.641.272	-0,8
Nafta	2.231.628	2.685.119	20,3
GLP	1.885.310	1.663.068	-11,8
Querosene de Aviação	631.968	386.197	-38,9
Asfalto	344.450	301.100	-12,6
Parafina	210.271	132.753	-36,9
Lubrificantes	12.734	11.712	-8,0
Solventes	170.670	39.521	-76,8

Fonte: Agência Nacional do Petróleo (ANP); elaboração FIEB/SDI

O setor de refino da Bahia apresentou resultados negativos no acumulado de janeiro a abril de 2011, com queda de quase 8% da produção em relação à igual período do ano anterior. Observa-se na tabela acima que apenas a produção de nafta apresentou variação positiva no período, com alta de 20,3%. O desempenho do setor pode ser explicado pela base de comparação elevada de 2010, que apresentou a maior produção para o 1º quadrimestre da série histórica da ANP, iniciada em 2000. Adicionalmente, a ocorrência de algumas paradas programadas para manutenção em unidades da RLAM



contribuiu para a queda da produção. A tendência é de que a produção caia ainda mais por conta de novas paradas programadas em unidades este ano. No início do ano, a Petrobras concluiu a obra de modernização da refinaria, com a entrada em operação de uma nova unidade de hidrotreatamento (HDT) de enxofre na RLAM. A nova unidade não representará aumento de produção, já que seu objetivo é a retirada de enxofre dos produtos derivados de petróleo, atendendo a acordos internacionais assinados para a diminuição dos impactos ambientais.

Em nível nacional, de acordo com a ANP, o desempenho da produção de derivados de petróleo nos primeiros quatro meses desse ano situou-se 7% acima do registrado em igual período do ano anterior. Dentre as refinarias, destacaram-se a REPLAN/SP (33,3%) e a REDUC/RJ (16,2%). Em sentido contrário, as refinarias de LUBNOR/CE (-29,6%) e REGAP/MG (-9,7%) apresentaram as maiores quedas.

As exportações baianas de óleo combustível apresentaram pequena queda de 5,1% no 1º quadrimestre do ano, contra igual período do ano anterior. O resultado decorreu da redução das quantidades exportadas (-23,7%), que compensou o aumento de 24,4% verificado nos preços. No acumulado dos primeiros quatro meses de 2010, os embarques do produto foram direcionados para Antilhas Holandesas, Cingapura, Argentina, Holanda e Uruguai. As compras externas de nafta petroquímica (2º item mais importante da pauta de importações baianas) registraram queda de 52,4% no período analisado devido à redução de 63,7% das quantidades importadas. Os preços apresentaram crescimento de 31,1%. A nafta importada pela Bahia no 1º quadrimestre do ano veio da Argélia, Rússia, Venezuela e Argentina.

No plano nacional, segundo levantamento da ANP, as receitas de exportação em dólares americanos de derivados de petróleo feitas pelo Brasil cresceram



5,9% no acumulado do ano até abril em comparação com igual período do ano anterior. Já o gasto com importações de derivados apresentou alta de 10% no período.

De acordo com o balanço da Petrobras, a companhia apurou lucro líquido recorde de R\$ 10.845 milhões no 1º trimestre de 2011, com alta de 41% sobre o mesmo trimestre do ano anterior. O aumento do lucro líquido foi resultado do crescimento de 7% do volume de vendas no país, destacando-se o aumento das vendas de gasolina (+7%), óleo diesel (+9%), gás natural (+13%) e QAV (+18%). Também houve uma elevação de 3% da produção total de óleo e gás no mesmo período, mais R\$ 2.723 milhões no faturamento, que também contribuiu para o resultado. Por segmento, a área de Exploração e Produção (E&P) foi responsável pela quase totalidade do lucro do período, alcançando o montante de R\$ 9.327 milhões (86% do lucro líquido total). Em sentido contrário, os segmentos de Abastecimento e de Biocombustíveis apresentaram prejuízo no período, de R\$ 95 milhões e de R\$ 13 milhões, respectivamente. Os investimentos da Petrobras totalizaram R\$ 15.871 milhões no 1º trimestre e foram direcionados, prioritariamente, para a ampliação da capacidade de produção na área do pré-sal (R\$ 7.196 milhões) e melhoria, expansão, conversão do parque de refino e petroquímica (R\$ 5.845 milhões). A Petrobras informou que apresentou ao Conselho de Administração, em 13 de maio, o Plano de Negócios para o período 2011-2015 e que efetuará a plena divulgação do Plano assim que este for aprovado.

Na área de Gás Natural, a Bahiagás reafirmou a intenção de investir, até 2014, o montante de R\$ 100 milhões na construção de 250 km de gasodutos para atender o sul do Estado. A empresa já tem contratos assinados para distribuir gás via Gasene para as fábricas da Bahia Sul Celulose, Veracel, Delfi Cacau, Trifil, Nestlé, além de postos de gás natural veicular. A expectativa é a de que



sejam distribuídos na região cerca de 500 mil m³/dia até 2014. A companhia também tem um projeto para ligar Itabuna, onde há um ponto de entrega do Gasene, a Ilhéus, com a construção de 32 km de gasodutos. A Petrobras assinou em fevereiro deste ano um protocolo de intenções com o governo da Bahia para implantar um Terminal de Regaseificação de Gás Natural Liquefeito (GNL), com investimentos estimados em US\$ 706 milhões. O novo terminal (TRBA) vai ter capacidade para regaseificar 14 milhões de m³/dia, com conclusão prevista para agosto de 2013. A área escolhida foi na Baía de Todos os Santos, próximo à Ilha dos Frades. O novo terminal terá duas conexões com a malha de gasodutos, uma na malha Bahia, que fica em Candeias, e outra no km 910 no trecho Cacimbas-Catu do Gasene. No TRBA, a transferência do GNL será feita diretamente entre navios, por meio de um sistema de atracação conhecido por side-by-side, que difere dos tradicionais por não haver braços criogênicos entre os navios. Atualmente há dois terminais de regaseificação em operação no Brasil, um na unidade em Pecém (CE), com capacidade de 7 milhões de m³/dia e outro na Baía de Guanabara, com capacidade de 14 milhões de m³/dia.

Produtos Químicos/Petroquímicos

(18,7% do VTI da Bahia em 2008)

A petroquímica baiana apresentou resultados negativos expressivos no 1º quadrimestre de 2011, com o índice de produção acusando queda de 25,2%. No acumulado de doze meses até abril, registrou-se uma redução de 14,6% na produção. Esses resultados decorreram, sobretudo, da interrupção do fornecimento de energia elétrica em fevereiro, que paralisou plantas importantes no Pólo de Camaçari.

A Braskem divulgou os resultados do 1º trimestre de 2011, com registro de lucro líquido de R\$ 305 milhões. De acordo com o balanço consolidado da



empresa, que contabiliza também os resultados de plantas fora do estado da Bahia, o lucro líquido cresceu R\$ 282 milhões em relação à igual período de 2010. As quantidades vendidas no 1º trimestre desse ano totalizaram 763 mil toneladas, registrando queda de 13%, explicada, principalmente, pela interrupção de energia em fevereiro, que afetou a produção das plantas da Bahia e de Alagoas. A produção foi reduzida em cerca de 90 mil toneladas de eteno, com impacto também na 2ª geração petroquímica. A interrupção no fornecimento de energia no início de fevereiro durou nove dias e ocasionou perdas estimadas em aproximadamente R\$ 230 milhões. Por outro lado, os melhores preços das resinas termoplásticas, que cresceram em média 7%, compensaram parcialmente o menor volume de vendas, além da alta da matéria-prima e da apreciação do Real.

De acordo com análise da Braskem, os principais eventos desse início de ano foram (i) apreciação do preço da nafta, como consequência do preço do petróleo; (ii) retomada da demanda asiática e recuperação dos mercados dos Estados Unidos e Europa; (iii) restrição da oferta, decorrente, principalmente de paradas não programadas de manutenção na Ásia, Estados Unidos e Europa, e contínuos problemas operacionais no Oriente Médio; (iv) desvalorização global do dólar. Os preços das resinas, petroquímicos básicos e nafta apresentaram alta de 7%, 18% e 14%, respectivamente, em relação ao trimestre anterior.

Para a Associação Brasileira da Indústria Química (Abiquim), observa-se no mercado internacional uma tendência de recuperação de preços, após o período de baixa decorrente da crise mundial. Esse comportamento pode ser explicado pela melhora nas condições de consumo mundial de produtos químicos; elevação de preços de importantes matérias-primas, notadamente petróleo e nafta (influenciadas pela redução temporária de oferta, em razão dos conflitos no Oriente Médio); e, mais recentemente, do terremoto, seguido



de tsunami, no Japão, que elevou a procura por produtos tradicionais, em um momento de reduzida oferta, o que pressiona os preços para cima. Por outro lado, a redução dos preços do gás natural nos Estados Unidos, sobretudo em decorrência das elevadas reservas de shale gas, está trazendo ganhos importantes de competitividade às empresas petroquímicas americanas, o que deve também, no curto prazo, ter algum impacto de redução dos preços internacionais das commodities petroquímicas.

No acompanhamento da produção de químicos de uso industrial da Abiquim, a produção no 1º trimestre deste ano caiu 5,32% em comparação a igual período de 2010. Em relação aos preços, houve uma elevação de 13,6% em comparação ao início do ano. Em 12 meses até março, o segmento petroquímico vem reduzindo o ritmo de produção, tendo apresentado crescimento de apenas 1,2% (no encerramento do ano de 2010, o índice alcançou crescimento de cerca de 7%).

As perspectivas para o segmento petroquímico em 2011, de acordo com análise da Braskem, apontam para um cenário de crescimento do mercado brasileiro das resinas termoplásticas da ordem de 10%. Há previsão de continuidade da volatilidade dos preços da nafta petroquímica, em decorrência dos conflitos nos países árabes. Para o 2º trimestre, a alta de preços dos insumos deve afetar negativamente as margens de lucro. Por outro lado, alguns fatores poderão minimizar este impacto: (i) paradas programadas de manutenção na Europa e Ásia; (ii) instabilidade operacional das operações no Oriente Médio – problemas no fornecimento de gás associado à produção de petróleo nesta região; (iii) maior demanda mundial e (iv) manutenção na tendência de alta de preços de resinas e petroquímicos básicos.

Em relação aos investimentos, a Braskem tem projetos para expansão de PVC em Alagoas, com capacidade de 200 mil t/ano (R\$ 470 milhões), para entrar



em operação em maio de 2012. O Projeto Butadieno prevê investimentos da ordem de R\$ 300 milhões, com início de construção em 2011 e capacidade de 100 mil t/ano. Outro projeto importante é o do Polipropileno Verde, que deverá ter capacidade mínima de 30 mil toneladas/ano de propeno verde. Os estudos de engenharia deverão ser concluídos até o final deste ano e a expectativa é de que a planta entre em operação no 2º semestre de 2013. O projeto ainda deverá ser aprovado pelo Conselho de Administração. Há ainda projetos internacionais, sendo o mais avançado o Projeto México – Etileno XXI, com investimentos da ordem de US\$ 2,5 bilhões e conclusão prevista para janeiro de 2015.

Há grande expectativa para a concretização do polo acrílico de Camaçari. A Basf anunciou que estuda construir três plantas para a produção em escala mundial de ácido acrílico, acrilato de butila e polímeros superabsorventes, com investimentos estimados em R\$ 1,8 bilhão. De acordo com um comunicado da Basf feito em 10 de março desse ano, a empresa está realizando estudos de viabilidade para avaliar as possibilidades técnicas, comerciais e econômicas para operar um complexo de escala global no Brasil. Para assegurar a competitividade dos investimentos, Basf e Braskem assinaram um memorando de entendimento, definindo as condições do fornecimento de longo prazo de propileno (matéria-prima utilizada para a produção de ácido acrílico) e serviços básicos (utilidades) pela Braskem. Se confirmado o projeto em Camaçari, a construção das unidades deverá ter início em 2012 e produção a partir de 2014. Outro investimento aguardado é o do grupo Elekeiroz (grupo controlado pela holding Itaúsa) que assinou com a SICM protocolo para a implantação de uma nova unidade de produção de ácido acrílico a partir de 2011 (investimentos estimados em US\$ 300-400 milhões). A expectativa é de que a empresa confirme a implantação da fábrica em Camaçari até o fim de março deste ano.



A empresa Duroline Tec (grupo constituído pelas empresas Duroline e Vipal) anunciou que pretende investir cerca R\$ 350 milhões para implantar uma fábrica de fibra de carbono em Camaçari. No final de fevereiro deste ano, a empresa assinou protocolo de intenções com o Governo do Estado da Bahia, firmando compromisso de produzir 3 mil t/ano de fibra de carbono, além de 1,2 mil t/ano de tecidos. A previsão é de que a operação comece no 3º trimestre de 2013. Cumpre registrar que o Conselho Administrativo de Defesa Econômica (CADE) aprovou, por unanimidade, a compra da Quattor pela Braskem.

A receita de exportações da seção Produtos das Indústrias Químicas apresentou queda de 22,8% no 1º quadrimestre 2011 na comparação com registrado em igual período de 2010, alcançando US\$ 416,5 milhões.

O desempenho negativo da Química baiana decorreu da queda de 26,3% nas vendas externas de Produtos Químicos Orgânicos (capítulo 29). O resultado foi influenciado pela redução das exportações de éteres acíclicos e seus derivados halogenados (-36,9%), propeno (-37,9%), benzeno (-35,8%), ausência de embarques de ácido fosfonometiliminodiacético (PIA), dentre outros. Em sentido contrário foi registrado aumento nas exportações de ésteres de metila do ácido metacrílico (+157,9%), ácido dodecilbenzenossulfônico e seus sais (+99,4%), exportações inéditas de derivados clorados saturados hidrocarbonados acíclicos (+US\$ 3,8 milhões), dentre outros.

As exportações de Produtos Químicos Inorgânicos (capítulo 28), registraram queda de 37,8%. As maiores reduções foram contabilizadas em carbonatos de amônio (-79,9%), amoníaco anidro (-US\$ 6,6 milhões) e sulfato de bário (-US\$ 97 mil).

Os principais mercados para os produtos das indústrias químicas da Bahia no 1º quadrimestre de 2011 foram: Estados Unidos, Argentina, Colômbia,



Holanda, Bélgica, México, Alemanha e Reino Unido (concentrando mais de 80% das exportações da seção).

Alimentos e Bebidas

(8,2% do VTI da Bahia em 2008)

Segundo os dados de comércio exterior do agregado de Produtos Alimentares, Bebidas e Fumo, as exportações alcançaram US\$ 199,66 milhões no 1º quadrimestre 2011, valor 21,1% superior ao registrado em igual período do ano anterior. A participação relativa do agregado no valor total das exportações baianas aumentou para 7% no período de análise, contra 6,1% registrados em 2010. As exportações de cacau e derivados caíram em termos absolutos (3,4%), e também em participação relativa dentro da seção, passando de 59,9% para 47,8%, no período em análise. Já as exportações de bagaços da extração do óleo de soja cresceram 53,1% em valor, ganhando participação relativa de 37% para 47,8% no agregado da seção.

A cotação da soja na Bolsa de Chicago registrou queda de 1,5% no ano e alta de 51% no acumulado do período de 12 meses encerrado em 10/6/2011.

Segundo o Levantamento Sistemático da Produção Agrícola do IBGE de maio, a safra nacional de soja do ciclo 2011 deverá ocupar uma área 3% maior que na safra anterior. A produção de soja deste ano deverá ser 8,4% superior a de 2010.

A elevação das projeções em maio se deve principalmente a um crescimento da área plantada, 0,2% em relação ao relatório de abril e, especialmente, ao rendimento médio, que cresceu 1,8% também em relação ao relatório de abril, devido ao maior uso de tecnologia e pelas condições climáticas favoráveis nos principais centros produtores. A colheita foi concluída no Mato Grosso, Paraná e Rio Grande do Sul, estados



detentores das maiores parcelas da produção nacional, sendo registrados recordes históricos no rendimento de respectivamente, 3.223 kg/ha, 3.365 kg/ha e 2.845 kg/ha com reavaliações, no mês, nessa variável, de 0,9%, 1,8% e 9,0%.

De acordo com o 3º Levantamento de Safra 2010/2011 da Associação de Agricultores e Irrigantes da Bahia – AIBA, a produção das principais culturas da Região Oeste do Estado (soja, algodão, milho e café) deverá crescer de 5,7 milhões de toneladas na safra 2009/2010 para cerca de 6,7 milhões de toneladas na safra 2010/2011. Já a produção de soja deverá alcançar 3,6 milhões de toneladas em 2010/2011 contra cerca de 3,2% na safra anterior, ocupando cerca de 1.080 mil hectares de plantação, contra 1.050 mil hectares na safra anterior.

Os bagaços da extração de óleo de soja (farelo), juntamente com os derivados de cacau, são os principais produtos da pauta de exportações baiana da seção Produtos Alimentares, Bebidas e Fumo. No 1º quadrimestre de 2011 as exportações de bagaços da extração do óleo de soja aumentaram 53,1% em valor, aumentando sua participação relativa de 37% para 46,8% no agregado da seção Produtos Alimentares, Bebidas e Fumo. Os principais destinos das exportações baianas de bagaços da extração de óleo foram a Alemanha, França, Reino Unido e Romênia. A cotação do farelo de soja apresentou queda de 1,5% no acumulado do ano e alta de 36,5% no período de 12 meses encerrados em 11/6/2011 (Bolsa de Chicago).

A cotação do cacau na Bolsa de Nova York caiu 2,3% no ano e cresceu 1,4% no período de 12 meses encerrado em 10/6/2011. De acordo com dados divulgados pela Organização Internacional de Cacau (ICCO, na sigla



em inglês) em junho de 2011, projeta-se um superávit de 187 mil toneladas no mercado internacional de cacau na safra 2010/11 contra uma previsão anterior de superávit de 119 mil toneladas. Segundo o Levantamento Sistemático da Produção Agrícola do IBGE de abril, a safra brasileira de cacau alcançará 243.099 toneladas em 2011, alta de 4,2% em relação à safra anterior, ocupando uma área de 651.830 hectares, o que significa uma redução de 0,3% em relação à área plantada em 2010.

As exportações baianas de cacau e derivados caíram em termos absolutos (3,4%) e também em participação relativa dentro da seção, passando de 37% para 46,8%, no período em análise.

No período analisado, as vendas específicas de cacau em pó cresceram 69,5%. Os principais destinos foram Argentina, Estados Unidos, Holanda, Canadá e Chile. Houve queda de 6,6% nas exportações de pasta de cacau não desengordurada, tendo como principais destinos Argentina, Estados Unidos, Chile, Japão e México. As exportações de manteiga, gordura e óleo de cacau apresentaram queda de 41,5%, sendo embarcadas para Estados Unidos, Argentina, Canadá, Chile, Holanda, dentre outros.

As vendas externas baianas de produtos de fumo apresentaram alta de 110% no 1º quadrimestre de 2011 na comparação com igual período do ano anterior e sua participação relativa passou de 2,8% para 4,8% do agregado de Produtos Alimentares, Bebidas e Fumo. Os principais mercados de destino foram: Alemanha, Argentina, China, Argélia, Espanha, entre outros.

A Brasfrut Frutos do Brasil anunciou investindo R\$ 20 milhões em sua segunda fábrica, a primeira dedicada ao processamento de laranja, em Rio Real, na Bahia. A unidade processará 100 mil toneladas de laranja ao ano em Rio Real, cidade onde se concentram fazendas dedicadas ao cultivo da



fruta e também de limão, tangerina, abacaxi, mamão e maracujá. O início da produção em Rio Real está previsto para o segundo semestre de 2013. Cerca de 50% da laranja processada será transformada em suco e vendida ao varejo com a marca Brasfrut, em embalagens cartonadas. A outra parte será usada para produzir concentrado de laranja para exportação. Em 2010 a Brasfrut faturou R\$ 65 milhões, 25% a mais que em 2009.

Tratando do panorama internacional do agronegócio, ao qual a produção de alimentos e bebidas está associada, no 1º quadrimestre de 2011, o ambiente continuou marcado pela volatilidade e altos preços praticados nos mercados das principais commodities. Tal pressão de alta pode ser explicada basicamente pelo expressivo aumento do consumo, por parte dos países emergentes (China, Índia, etc.), e pela ocorrência de quebras de safras decorrentes de fatores ambientais em diferentes partes do mundo.

Segundo informações contidas no relatório "Perspectivas Agrícolas 2011-2020", resultado de um estudo conjunto da Organização para Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE) e da Agência das Nações Unidas para Agricultura e Alimentação (FAO), as commodities agrícolas terão uma década de manutenção de preços elevados e grande volatilidade no mercado internacional, sendo o Brasil um dos países mais beneficiados nesse cenário. Por conta disso, os países do G-20 devem iniciar negociações para implementar medidas que estimulem o aumento da produção global e reduzir a volatilidade nos mercados de commodities agrícolas. A avaliação é que a volatilidade excessiva, que já entrou em seu quinto ano consecutivo, deve perdurar, e que os preços de muitas commodities básicas para a produção de alimentos deverão manter-se em patamares mais elevados, tanto em termos nominal como real, na comparação com a década anterior (2001-2010).



O pacote em negociação deve incluir a criação de um Sistema de Informação dos Mercados Financeiros (AMIS, na sigla em inglês), com mecanismos de alerta e um grupo de resposta rápida a ser acionado em tempos de crise para restringir as oscilações de mercado. Também está prevista a criação, até o fim deste ano, de um pequeno estoque estratégico de reservas de alimentos para emergência, destinado a ações humanitárias. Os investimentos para apoiar a expansão da produção agrícola em países em desenvolvimento são estimados em US\$ 83 bilhões por ano. O G-20, ao contrário do antigo G-8 (formado só por países ricos), não pretende anunciar pacotes financeiros. Mas durante o encontro de Paris a idéia é que o Banco Mundial e outras instituições multilaterais confirmem o aumento de empréstimos e doações, além de instrumentos financeiros para proteger agricultores das fortes oscilações de preços.

Veículos Automotores

(9,9% do VTI da Bahia em 2008)

A Ford Nordeste tem registrado nível pleno de produção (próximo a 21 mil veículos/mês), após período de produção inferior por conta de parada para manutenção (18 de dezembro de 2010 a 09 de janeiro de 2011). No acumulado de janeiro a março de 2011, a empresa registrou incremento na produção de 8,15%, na comparação com igual período do ano anterior. Em 2010, a Ford Nordeste anunciou que deverá ampliar os investimentos no Brasil de R\$ 4 bilhões para R\$ 4,5 bilhões até 2015. Os investimentos adicionais serão destinados ao complexo da Ford Nordeste, que conta com um dos cinco Centros Globais de Desenvolvimento de Produtos da Ford no mundo. A planta de Camaçari será responsável pelo desenvolvimento da nova geração do modelo Ford Ecosport, que será vendido nos mercados interno e externo. Com os investimentos previstos, a capacidade produtiva do complexo saltará de 250 mil para 300 mil unidades/ano.



Apesar da ampliação prevista para a planta da Ford Nordeste, a perspectiva de um maior desenvolvimento do setor na Bahia é limitada pelo quadro local monoprodutor, em especial após a decisão da Fiat de alocar a sua nova planta em Pernambuco, limitando a capacidade de atração e ampliação de um parque fornecedor de autopeças com escala competitiva em nível nacional e global.

No 1º quadrimestre de 2011, a Bahia registrou crescimento de 49,7% das exportações de Material de Transporte, na comparação com igual período de 2010, alcançando um valor de US\$ 186,4 milhões. No entanto, as exportações de veículos no Estado da Bahia, como parcela da produção, foram bastante reduzidas ao longo do tempo, tendo passado de mais de 40% da produção local para cerca de 20%.

Dados do Complexo Industrial Ford Nordeste

Anos	Produção	Exportação	Exp/Prod
	<i>veículos</i>		<i>(%)</i>
2005	246.934	108.400	43,9
2006	242.905	101.550	41,8
2007	231.033	80.272	34,7
2008	207.037	62.202	30,0
2009	207.180	38.268	18,5
2010	212.083	46.312	21,8
2011*	95.470	18.550	19,4

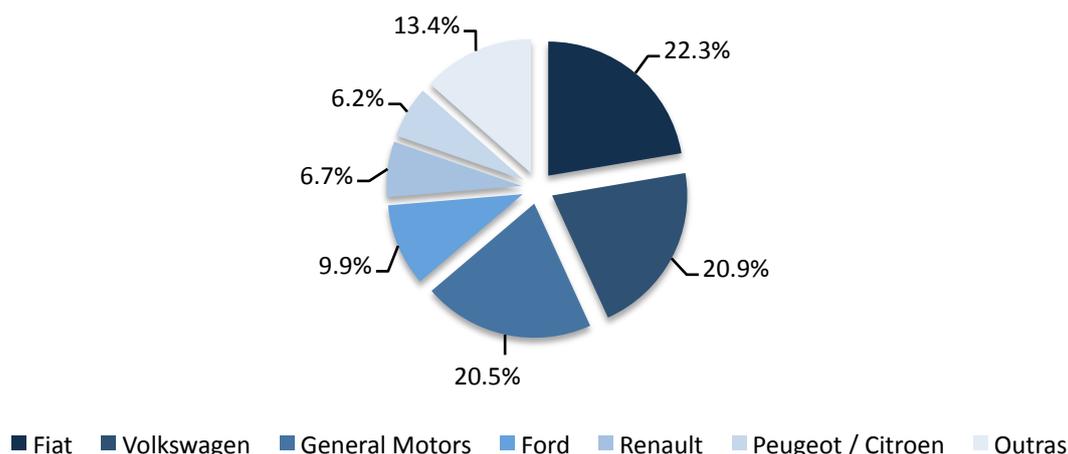
Fonte: Ford Nordeste; elaboração FIEB/SDI | * Acumulado até maio

No panorama nacional, segundo dados da ANFAVEA, no 1º quadrimestre de 2011 foram produzidos 1,11 milhão de autoveículos, o que representou alta de 4,1%, em relação ao mesmo período do ano anterior. Do total produzido, foram exportadas 168,2 mil unidades (crescimento de 9,1%, na



comparação com o igual período do ano anterior), no valor de US\$ 4,60 bilhões – fob. No acumulado de janeiro a abril de 2011, verificou-se um incremento de 4,6% nos licenciamentos de automóveis novos (nacionais + importados), na comparação com igual período de 2010. Apesar das medidas de contenção ao crédito, tanto a produção quanto a venda de automóveis continuam em trajetória de alta, porém em ritmo mais moderado. Em 2010, o País verificou um incremento da ordem de 11,9% nas vendas de automóveis e, para este ano, a ANFAVEA projeta uma expansão de 5%. Um fator de preocupação é a crescente redução da competitividade do setor, provocada pela valorização cambial e pelo chamado Custo Brasil. Ao tempo em que se verifica uma redução da participação das exportações na produção nacional, há uma crescente participação dos importados nas vendas de automóveis no Brasil.

Brasil - Participação de Mercado das 6 Maiores - abril de 2011



Fonte: Renavam/Denatran, apud Anfavea; elaboração FIEB-SDI.



Participação dos Importados no Licenciamento Total de Autoveículos (%)

	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set	Out	Nov	Dez	Ano
2009	19,6	15,4	13,0	13,3	13,5	13,4	15,2	14,5	14,9	17,0	18,1	19,4	15,6
2010	20,1	18,3	16,4	17,9	17,9	17,6	18,0	18,3	18,7	19,5	20,2	21,7	18,8
2011	23,5	22,6	20,4	22,2									22,1

Fonte: Renavam/Denatran, apud Anfavea.

Celulose e Papel

(5,9% do VTI da Bahia em 2008)

Na comparação do 1º quadrimestre de 2011 com igual período do ano anterior, a produção física de Celulose e Papel da Bahia registrou resultado positivo, porém modesto (1%). O segmento possui grande potencial de desenvolvimento no Estado da Bahia, por conta das condições edafoclimáticas favoráveis à cultura do eucalipto na região sul do Estado. Segundo informações da Associação de Produtores de Floresta Plantada do Estado da Bahia (ABAF), o Estado possui o menor ciclo para o corte da árvore, além de a densidade do plantio de árvores por hectare ser a maior do País. A Bahia responde por cerca de 18% da produção nacional de celulose. No entanto, os projetos de ampliação da produção local sofreram alguns revezes. A Fibria declarou que a expansão da Veracel, *joint-venture* com a sueco-finlandesa Stora-Enso, possui um terço das florestas necessárias, mas a ampliação prevista deverá ser concluída apenas entre 2015 e 2016. A ampliação da fábrica de Mucuri da Suzano, com incremento de 400 mil toneladas e investimento de US\$ 500 milhões, também foi adiada para 2014. Como nota negativa para o desenvolvimento do segmento no Estado da Bahia, os projetos de investimento das empresas locais têm enfrentado contratempos com os órgãos ambientais, além de



problemas frequentes com invasões de propriedades, destruição de plantações, dentre outros.

No acumulado do 1º quadrimestre de 2011, Celulose e Papel e suas Obras foi a principal seção da pauta de exportações do Estado da Bahia, com participação relativa de 20,8%. As vendas externas alcançaram US\$ 589,4 milhões, com crescimento de 7,7% em relação ao verificado em igual período de 2010. Por seu perfil francamente exportador, o segmento é um dos grandes responsáveis pelo saldo comercial positivo brasileiro.

Na segunda semana de junho de 2011, segundo a consultoria independente finlandesa Foex, os preços da celulose de fibra curta alcançaram US\$ 876/t no mercado europeu, contra US\$ 849/t no início do ano, e US\$ 760/t no mercado asiático, contra US\$ 743/t no início do ano.

O segmento de Celulose e Papel vive um momento de estabilidade. Segundo dados da Associação Brasileira de Celulose e Papel (Bracelpa), não houve variação significativa entre o total produzido no 1º quadrimestre de 2011 e igual período do ano anterior. Quanto à produção de papel, o crescimento verificado no mesmo período de análise foi ínfimo (0,7%). Os investimentos previstos pelas grandes empresas do segmento foram paralisados após a crise internacional e só a partir desse ano deverão ser retomados. Um fator que tem prejudicado a produção nacional de celulose e papel, de perfil exportador, é a desvalorização do Dólar frente o Real. Em compensação, esse movimento cambial favorece a administração do expressivo endividamento denominado em moeda estrangeira das empresas do segmento.



Metalurgia Básica

(4,3% do VTI da Bahia em 2008)

A produção do segmento da metalurgia baiana registrou desempenho negativo em relação ao ano anterior. Segundo a Pesquisa Industrial Mensal (PIM) do IBGE, na comparação entre o acumulado do 1º quadrimestre desse ano com igual período do ano anterior, a produção física da metalurgia baiana caiu 8,6%, principalmente devido a queda na produção de alumínio não ligado em formas brutas por conta do fechamento da planta da Novelis no final de 2010. A taxa anualizada registrou queda de 2,2% em abril. Quanto às exportações, a seção *Metais Comuns e suas Obras* registrou vendas de US\$ 273.016.270 no 1º quadrimestre deste ano, valor 21,3% superior ao registrado em igual período do ano anterior. Esse resultado foi determinado pela expansão das exportações de catodos de cobre refinado, fios de cobre refinado, ferro cromo, ferro silício, dentre outros, parcialmente compensada pela queda dos embarques de resíduos de cobre e acessórios moldados para tubos de aço.

O preço do cobre no mercado internacional tem registrado forte volatilidade, tendo alcançado US\$ 8.970/t no início de junho, após ter oscilado entre US\$ 8.536/t e US\$ 10.147,50/t nos primeiros cinco meses de 2011. Em maio, as cotações de cobre registraram queda, refletindo o temor de enfraquecimento da demanda, em função das medidas de combate à inflação, sobretudo com a elevação das taxas de juros, adotadas pelos bancos centrais de diferentes países do mundo, a exemplo de China e Índia. A tendência é que os preços de cobre mantenham forte volatilidade, com movimento de baixa no curto prazo, porém situando-se num patamar bastante superior ao verificado em 2010.

A Bahia detém praticamente a totalidade da produção brasileira de cobre refinado. A maior parte do concentrado de cobre é importada do Chile. Segundo o balanço da Paranapanema, o volume de vendas de cobre refinado (catodos + vergalhões + fios trefilados) alcançou 40,5 mil



toneladas no 1º trimestre de 2011, contra 46,3 mil toneladas em igual período do ano anterior. Apesar da queda no volume de vendas no segmento de cobre, o aumento dos preços do cobre no mercado internacional e a maior participação de produtos de maior valor agregado nas vendas contribuíram para que a receita líquida da Paranapanema alcançasse R\$ 961,1 milhões no 1º trimestre de 2011, registrando alta de 31,5% em relação ao verificado em igual período do ano anterior. A receita líquida originada no mercado interno representou 62% do total, crescendo 46,9% em relação ao 1º trimestre de 2010, com preço médio 87,7% superior e melhora no *mix* de produtos de maior valor agregado. O lucro líquido da empresa alcançou R\$ 30,8 milhões, aumento de 20,9% em relação ao registrado no 1º trimestre de 2010. A Assembleia Geral Ordinária de 29/04/2011 aprovou plano de expansão e investimentos da Paranapanema para o período 2011 a 2013, que prevê: (i) investimento de R\$ 290 milhões na atualização e expansão da capacidade instalada da fábrica de cobre refinado de 230 mil toneladas/ano para 280 mil toneladas/ano em 2013; e (ii) investimento de R\$ 28 milhões na instalação, até dezembro de 2012, de uma planta de refino de metais preciosos com capacidade instalada de 2.400 Kg/ano de lingotes de ouro e 33.500 Kg/ano de lingotes de prata.

As exportações de produtos de cobre cresceram 11,2% no 1º quadrimestre deste ano, impulsionadas pelas maiores vendas de catodos de cobre (29,1%) e de fios de cobre refinado (17,4%). A quantidade exportadas de catodos de cobre alcançou 16,1 mil toneladas, contra 17 mil toneladas no 1º quadrimestre de 2010, tendo como países de destino: Itália, Holanda, China, Paraguai e Colômbia. O *quantum* exportado de fios de cobre caiu 8,7% em relação ao verificado em igual período do ano anterior, direcionados para Argentina, Costa Rica, Colômbia, Bolívia, Uruguai, dentre outros. As vendas externas baianas de cobre representaram no 1º quadrimestre de 2011 82,5%



do total exportado pelo País, contra uma participação relativa de 84,4% no mesmo período do ano anterior.

As perspectivas para o negócio de cobre são bastante positivas no curto e médio prazos, por conta do PAC, da exploração do pré-sal e dos eventos esportivos programados para 2014 (Copa do Mundo) e 2016 (Jogos Olímpicos do Rio de Janeiro). Além do crescimento orgânico em decorrência dos investimentos supracitados, há perspectiva de mudança no *mix* de matérias-primas entre concentrado e cobre reciclado de 83%/17% em 2010 para 70%/30% em 2013 e maior integração na cadeia do cobre por meio de parcerias estratégicas com mineradoras de pequeno e médio porte.

Os preços de produtos siderúrgicos também apresentam volatilidade no mercado internacional, a exemplo do preço da tonelada de *billet*, que, no mercado à vista (*cash buyer*), alcançou US\$ 570 na 3ª semana de junho, contra US\$ 535 no início do ano. Apesar de turbulências provocadas pela elevação dos preços dos alimentos e do petróleo no mercado internacional e dos impactos do terremoto e tsunami do Japão, a expectativa é que as condições macroeconômicas continuem dando suporte à demanda global por minérios e metais, mantendo os preços em patamar elevado. No que se refere ao minério de ferro, segundo a Vale, as perspectivas positivas de demanda e o cenário de lenta expansão da oferta, diante da ausência da entrada em produção de grandes projetos em 2011/2012, deverão manter os preços oscilando num patamar elevado.

De acordo com o balanço da Ferbasa, no 1º trimestre deste ano, o *quantum* de vendas de ferro-ligas alcançou 67,4 mil toneladas, alta de 18,5% em relação ao verificado em igual período de 2010, impulsionada pelo maior volume de vendas de todos os produtos, com destaque para o



ferro cromo alto carbono e o ferro silício 75%. Com a expansão de 37,2% da receita líquida e crescimento de 30,3% do custo dos produtos vendidos, o lucro líquido da Ferbasa passou de R\$ 18,4 milhões no 1º trimestre de 2010 para R\$ 36 milhões em igual período deste ano. Segundo notícia veiculada na mídia, mas ainda não confirmada na CVM, a Ferbasa anunciou que deverá investir R\$ 153 milhões neste ano na metalúrgica de Pojuca, nas minas de Campo Formoso e Andorinhas e fazendas de produção de eucalipto.

As exportações baianas de aço (capítulos 72 e 73 da NCM) cresceram 101,1%, na comparação do verificado com 1º quadrimestre deste ano com igual período de 2010. Os principais produtos exportados foram: ferro silício (Holanda, Japão, Bélgica, Itália, Espanha, dentre outros), ferro cromo (Holanda, China, Bélgica, Argentina, Suécia e Reino Unido), fio-máquina (Costa do Marfim, Benin e Togo), e outras ligas de ferro cromo (Estados Unidos, Holanda, Turquia, Coréia do Sul, Espanha, dentre outros). As exportações da siderurgia baiana foram responsáveis por 1,1% das vendas externas da siderurgia brasileira no 1º quadrimestre de 2011, contra uma participação relativa de 0,9% em igual período do ano anterior.

Segundo o Instituto Aço Brasil (IABr), a produção nacional de aço bruto alcançou 11,5 milhões de toneladas no 1º quadrimestre de 2011, volume 7,5% superior ao registrado em igual período do ano anterior, enquanto a produção de laminados atingiu 8,5 milhões de toneladas, alta de 0,9% em relação ao verificado em janeiro de 2010. As vendas internas alcançaram 7,2 milhões de toneladas, aumento de 6,3% em relação ao verificado em igual período do ano anterior. Já as vendas externas faturadas alcançaram 3,3 milhões de toneladas, expansão de 32,8% no período analisado, refletindo a maior quantidade exportada de semi-acabados (38%) e de



laminados (26,1%). Com a queda de 38% no volume das importações de produtos siderúrgicos, o consumo aparente nacional totalizou 8,4 milhões de toneladas, volume 1,9% inferior ao registrado em igual período de 2010. Segundo a última projeção divulgada pelo IABr em novembro de 2010, o consumo aparente de produtos siderúrgicos deverá alcançar 28,3 milhões em 2011, contra 26,6 milhões de toneladas em 2010. A despeito da queda das importações verificada neste ano, o IABr destaca a necessidade de se reduzir as assimetrias competitivas (redução de impostos sobre folha de pagamento, investimentos, exportação e energia) para que a indústria nacional de aço enfrente a atual conjuntura de câmbio valorizado, sobreoferta de aço no mercado internacional e benefícios fiscais concedidos por Estados para as importações de siderúrgicos.

No cenário externo, o levantamento do *World Steel Association*, no 1º quadrimestre de 2011, indica que a produção mundial de aço bruto alcançou 499,7 milhões de toneladas, alta de 8%, na comparação com o ano anterior, influenciada sobretudo pela expansão da produção na China (+8,3%, respondendo por cerca de 46% da produção mundial de aço), Índia (+8%), Coreia do Sul (+19,9%), Rússia (+9,8%) e Estados Unidos (+6,8%). O Brasil ocupa a 9ª posição no *ranking* mundial. A despeito de apontar os riscos associados à alta de preços das matérias-primas, ao baixo crescimento das economias avançadas e elevação das cotações de petróleo, a OCDE acredita que a indústria mundial de aço deverá continuar se beneficiando da expansão do países emergentes, que são os principais alavancadores da demanda global, cuja expansão projetada para 2011 e 2012 é de 6%.



ANEXOS

Compõem o presente Anexo os seguintes tabelas e gráficos:

- (i) Tabelas e Gráficos da Pesquisa Industrial Mensal Produção Física - Regional (PIMPF-R) (págs. 32-34);
- (ii) Tabelas da Pesquisa Industrial Mensal de Emprego e Salário (PIMES) (págs. 35-36);
- (iii) Exportações da Bahia por Seção NCM (pág. 37);
- (iv) Capítulos NCM (págs. 38-41).

Produção Física por Estados: Indústria de Transformação

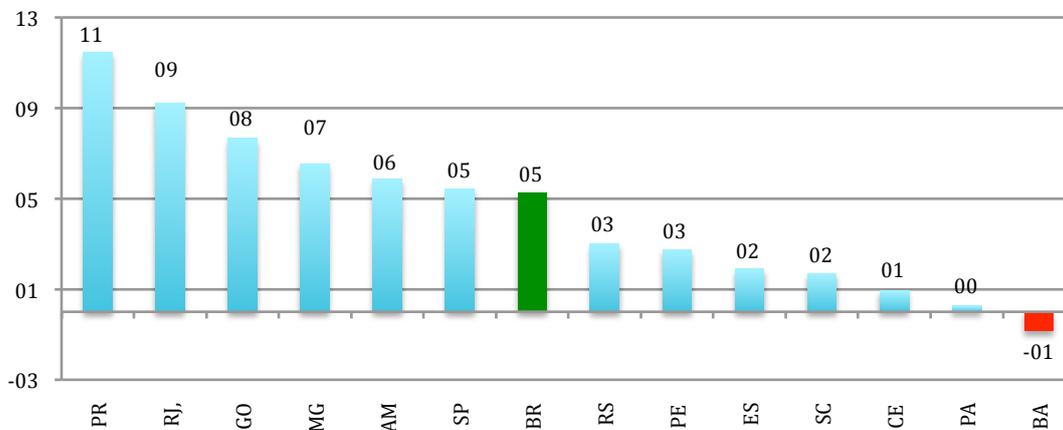
Estados	Variação Percentual		
	Abr11/ Abr10	Jan-Abr11/ Jan-Abr10	Mai10-Abr11/ Mai09-Abr10
São Paulo	-2,3	2,4	5,4
Minas Gerais	-2,3	2,1	6,5
Rio de Janeiro	12,1	7,2	9,2
Paraná	1,4	3,8	11,5
Rio Grande do Sul	0,6	1,4	3,0
Bahia	-4,2	-8,5	-0,8
Santa Catarina	-7,7	-1,7	1,7
Amazonas	2,1	-1,4	5,9
Espírito Santo	2,1	-1,2	1,9
Pará	-5,3	-2,8	0,3
Goiás	-11,9	-4,4	7,7
Pernambuco	-7,4	-5,5	2,7
Ceará	-16,2	-9,5	0,9
Brasil	-1,5	1,5	5,3

Fonte: IBGE; elaboração FIEB/SDI



Brasil - Produção Física da Indústria de Transformação

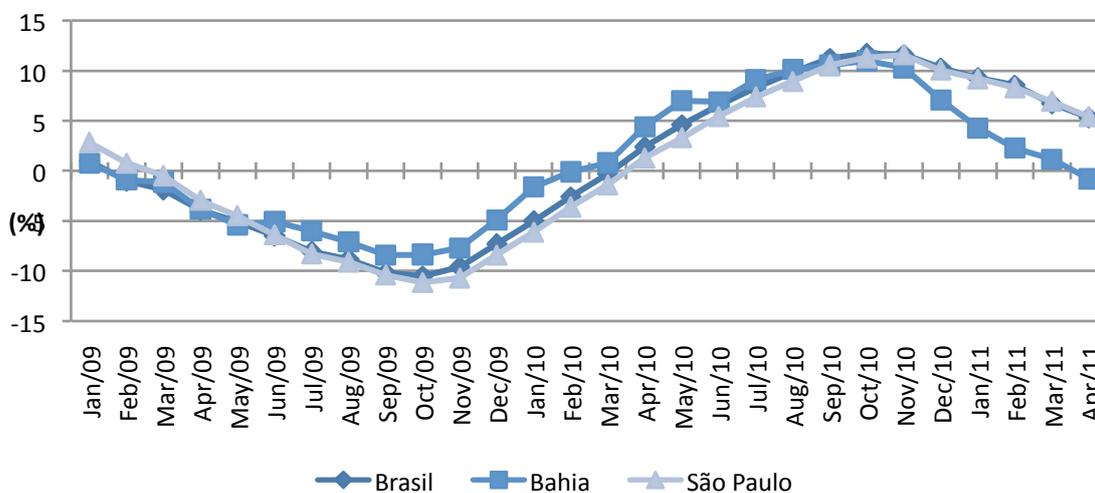
Taxa de crescimento (%) acumulada em 12 meses
 (Mai 10 - Abr 11 / Mai 09 - Abr 10)



Nota: Excluída a indústria extrativa mineral (CNAE 10, 11, 13 e 14)

PIM-PF Indústria de Transformação: Brasil x Bahia x São Paulo

(taxas acumuladas em 12 meses)





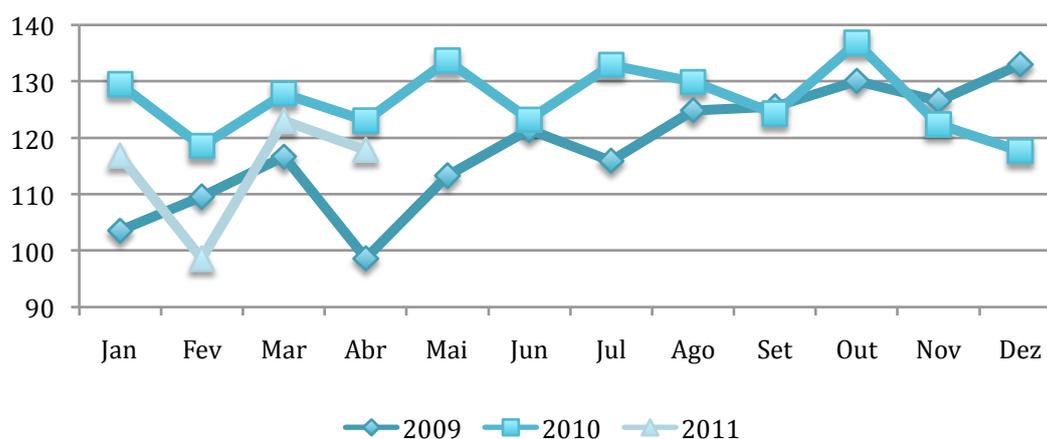
Bahia: PIMPF-R de Abril 2011

	Variação Percentual		
	Abr11/ Abr10	Jan-Abr11/ Jan-Abr10	Mai10-Abr11/ Mai09-Abr10
Indústria de Transformação (1)	-4,2	-8,5	-0,8
Refino de Petróleo e Prod. Álcool	-0,9	-7,8	8,3
Produtos Químicos/Petroquímicos	-13,5	-25,2	-14,6
Veículos Automotores	-2,0	9,6	5,6
Alimentos e Bebidas	12,8	10,4	10,0
Celulose e Papel	-15,2	1,0	2,0
Metalurgia Básica	-7,6	-8,6	-2,2
Borracha e Plástico	9,6	12,0	11,5
Minerais não-metálicos	16,5	10,5	9,8
Extrativa Mineral (2)	-1,8	4,0	7,0

Fonte: IBGE; elaboração FIEB/SDI

- (1) De acordo com a Pesquisa Industrial Anual (PIA) 2008 (divulgada em julho de 2010), os 8 segmentos acima arrolados somaram 87,3% do Valor da Transformação Industrial (VTI) do Estado da Bahia, em 2008.
- (2) Abrange (cf. CNAE) a extração de carvão mineral, petróleo e gás natural, minerais metálicos e minerais não-metálicos.

Bahia - Produção Física da Indústria de Transformação (2009 - 2011)



Nota: Exclui a indústria extrativa mineral (CNAE 10, 11, 13 e 14); base = 100 (média 2002)



Brasil – POA na Indústria de Transformação

Estados	Variação Percentual		
	Abr11/ Abr10	Jan-Abr11/ Jan-Abr10	Mai10-Abr11/ Mai09-Abr10
São Paulo	-0,2	1,1	2,6
Minas Gerais	3,2	3,4	3,4
Rio de Janeiro	2,3	2,5	5,8
Paraná	5,5	3,9	2,8
Rio Grande do Sul	2,6	3,2	4,8
Bahia	3,6	3,8	6,2
Santa Catarina	0,8	2,3	3,8
Espírito Santo	-1,9	0,0	4,6
Pernambuco	7,1	3,3	5,8
Ceará	-1,2	-0,2	3,8
Brasil	1,7	2,4	3,7

Fonte: IBGE; elaboração FIEB/SDI

Bahia – POA na Indústria de Transformação

Segmentos (CNAE)	Variação Percentual		
	Abr11/ Abr10	Jan-Abr11/ Jan-Abr10	Mai10-Abr11/ Mai09-Abr10
Indústria de Transformação (agregado)	3,6	3,8	6,2
Coque, Refino de Petróleo e Produção de Álcool (23)	-23,3	-10,0	1,9
Química/Petroquímica (24)	-4,7	-4,9	-3,6
Alimentos e Bebidas (15)	10,5	7,1	6,1
Fabricação de Meios de Transporte (34 e 35)	0,4	-1,2	-4,1
Papel e Gráfica (21 e 22)	5,4	7,6	6,2
Metalurgia Básica (27)	4,4	6,2	8,5
Máquinas e Equipamentos (29 e 30)	17,6	12,7	17,1
Borracha e Plásticos (25)	13,0	11,9	11,1
Couros e Calçados (19)	1,6	3,4	10,6
Máquinas e Aparelhos Elétricos e Eletrônicos (31, 32 e 33)	8,4	9,7	2,2
Produtos de Metal (28)	-4,9	-4,3	7,5
Minerais não-metálicos (26)	-2,3	1,6	2,9
Têxtil (17)	7,6	7,8	2,6
Vestuário (18)	3,8	6,3	6,7
Fumo (16)	-38,3	-44,8	-41,0
Madeira (20)	-2,7	-6,4	-8,0
Fabricação de "Outros Produtos" (36 e 37)	4,3	5,5	11,6

Fonte: IBGE; elaboração FIEB/SDI

Exportações da Bahia por Seção NCM

NCM	S e ç õ e s	Jan-Abr 2010 (a)		Jan-Abr 2011 (b)		Var. (%) (b/a)
		US\$ fob	(%)	US\$ fob	(%)	
X	Celulose e Papel e suas Obras	547.125.359	20,3	589.373.183	20,8	7,7
V	Produtos Minerais	542.242.564	20,1	493.718.530	17,4	-8,9
VI	Produtos das Indústrias Químicas ou das Indústrias Conexas	539.211.339	20,0	416.532.743	14,7	-22,8
XV	Metais Comuns e suas Obras	225.158.620	8,4	273.016.270	9,6	21,3
IV	Produtos das Indústrias Alimentares, Bebidas e Fumo	164.900.616	6,1	199.657.890	7,0	21,1
XVII	Material de Transporte	124.456.699	4,6	186.352.771	6,6	49,7
VII	Plástico e suas Obras; Borracha e suas Obras	137.814.352	5,1	157.948.537	5,6	14,6
II	Produtos do Reino Vegetal	92.526.633	3,4	140.703.786	5,0	52,1
XIV	Pérolas, Pedras Preciosas e Metais Preciosos e suas Obras	82.254.068	3,1	135.106.955	4,8	64,3
XI	Matérias Têxteis e suas Obras	81.992.289	3,0	77.334.344	2,7	-5,7
VIII	Peles, Couros e Peleteria	37.153.326	1,4	43.007.454	1,5	15,8
XII	Calçados, Chapéus e Artefatos de Uso Semelhante	32.077.271	1,2	28.402.691	1,0	-11,5
XVI	Máquinas e Aparelhos	23.709.015	0,9	23.512.648	0,8	-0,8
III	Gorduras, Óleos e Ceras Animais e Vegetais	2.010.435	0,1	19.978.165	0,7	893,7
XX	Mercadorias e Produtos Diversos	4.911.726	0,2	4.607.368	0,2	-6,2
XIII	Obras de Pedra, Gesso, Cimento, Amianto, Mica e Produtos Cerâmicos	1.821.063	0,1	1.541.704	0,1	-15,3
IX	Madeira e suas Obras	828.758	0,0	1.061.017	0,0	28,0
I	Animais Vivos e Produtos do Reino Animal	7.798.235	0,3	993.759	0,0	-87,3
XXI	Objetos de Arte, de Coleção e Antiguidades	8.924	0,0	966.037	0,0	(*)
XVIII	Instrumentos e Aparelhos de Óptica, Fotografia, Instrumentos Musicais, suas Partes e Acessórios	297.862	0,0	825.932	0,0	177,3
	Outros	44.673.016	1,7	45.128.978	1,6	1,0
Total		2.692.972.170	100,0	2.839.770.762	100,0	5,5

Fonte: SECEX; elaboração FIEB/SDI

(*) Praticamente Não Aplicável



Capítulos NCM

Seção I Animais e Produtos do Reino Animal

Capítulos:

1. Animais vivos
2. Carnes e miudezas comestíveis
3. Peixes e crustáceos, moluscos e os outros invertebrados aquáticos
4. Leite e laticínios; ovos de aves; mel natural; produtos comestíveis de origem animal, não especificados nem compreendidos em outros Capítulos
5. Outros produtos de origem animal, não especificados nem compreendidos em outros Capítulos

Seção II Produtos do Reino Vegetal

Capítulos:

6. Plantas vivas e produtos de floricultura
7. Produtos hortícolas, plantas, raízes e tubérculos comestíveis
8. Frutas; cascas de cítricos e de melões
9. Café, chá, mate e especiarias
10. Cereais
11. Produtos da indústria de moagem; malte; amidos féculas; inulina; glúten de trigo
12. Sementes e frutos oleaginosos; grãos, sementes e frutos diversos; plantas industriais ou medicinais; palha e forragens
13. Gomas, resinas e outros sucos e extratos vegetais
14. Matéria para entrançar e outros produtos de origem vegetal, não especificados nem compreendidos em outros Capítulos

Seção III Gorduras e óleos animais ou vegetais; produtos da sua dissociação; gorduras alimentares elaboradas; ceras Animais e Vegetais

Capítulo:

15. Gorduras e óleos animais ou vegetais; produtos da sua dissociação; gorduras alimentares elaboradas; ceras Animais e Vegetais

Seção IV Produtos das Indústrias Alimentares; Bebidas,

líquidos alcoólicos e vinagres; Fumo (tabaco) e seus sucedâneos manufaturados

Capítulos:

16. Preparações de carne, de peixes ou de crustáceos, de moluscos ou de outros invertebrados aquáticos
17. Açúcares e produtos de confeitaria
18. Cacau e suas preparações
19. Preparações à base de cereais, farinhas, amidos, féculas ou de leite; produtos de pastelaria
20. Preparações de produtos hortícolas, de frutas ou de outras partes de plantas
21. Preparações alimentícias diversas
22. Bebidas, líquidos alcoólicos e vinagres
23. Resíduos e desperdícios das indústrias alimentares; alimentos preparados para animais
24. Fumo (tabaco) e seus sucedâneos, manufaturados

Seção V Produtos Minerais

Capítulos:

25. Sal; enxofre; terras e pedras; gesso, cal e cimento
26. Minérios, escórias e cinzas
27. Combustíveis minerais, óleos minerais e produtos da sua destilação; matérias betuminosas; ceras minerais

Seção VI Produtos das Indústrias Químicas ou das Indústrias Conexas

Capítulos:

28. Produtos químicos inorgânicos; compostos inorgânicos ou orgânicos de metais preciosos, de elementos radioativos, de metais das terras raras ou de isótopos
29. Produtos químicos orgânicos
30. Produtos farmacêuticos
31. Adubos ou fertilizantes
32. Extratos tanantes e tintoriais; taninos e seus derivados; pigmentos e outras matérias corantes; tintas e vernizes; mástiques; tintas de escrever
33. Óleos essenciais e resinoídeos; produtos de perfumaria ou de



toucador preparados e preparações cosméticas

34. Sabões, agentes orgânicos de superfície, preparações para lavagem, preparações lubrificantes, ceras artificiais, ceras preparadas, produtos de conservação e limpeza, velas e artigos semelhantes, massas ou pastas para modelar, ceras para dentistas e composições para dentistas à base de gesso
35. Matérias albuminoídes; produtos à base de amidos ou de féculas modificados, colas; enzimas
36. Pólvoras e explosivos; artigos de pirotecnia; fósforos; ligas pirofóricas; matérias inflamáveis
37. Produtos para fotografia e cinematografia
38. Produtos diversos das indústrias químicas

Seção VII Plástico e suas Obras; Borracha e suas Obras

Capítulos:

39. Plásticos e suas obras
40. Borracha e suas obras

Seção VIII Peles, Couros e Peleteria (peles com pêlo*) e obras destas matérias; artigos de correeiro ou de seleiro; artigos de viagem, bolsas e artefatos semelhantes; obras de tripa

Capítulos:

41. Peles, exceto a peleteria (peles com pêlo*), e couros
42. Obras de couro; artigos de correeiro ou de seleiro; artigos de viagem, bolsas e artefatos semelhantes; obras de tripa
43. Peleteria (peles com pêlo*) e suas obras; peleteria (peles com pêlo*) artificial

Seção IX Madeira, carvão vegetal e obras de madeira; cortiças e suas obras; obras de espartaria ou cestaria

Capítulos:

44. Madeira, carvão vegetal e suas obras de madeira

45. Cortiça e suas obras
46. Obras de espartaria ou de cestaria

Seção X Pasta de madeira ou de outras matérias fibrosas, celulósicas; papel ou cartão de reciclar (desperdícios e aparas); papel e suas Obras

Capítulos

47. Pastas de madeira ou de outras matérias fibrosas celulósicas; papel ou cartão de reciclar (desperdícios e aparas)
48. Papel e cartão; obras de pasta de celulose, de papel ou de cartão
49. Livros, jornais, gravuras e outros produtos das indústrias gráficas; textos manuscritos ou datilografados, planos e plantas

Seção XI Matérias Têxteis e suas Obras

Capítulos:

50. Seda
51. Lã e pêlos finos ou grosseiros, fios e tecidos de crina
52. Algodão
53. Outras fibras Têxteis vegetais; fios de papel e tecido de fios de papel
54. Filamentos sintéticos ou artificiais
55. Fibras sintéticas e artificiais, descontínuas
56. Pastas ("ouates"), feltros e falsos tecidos; fios especiais; cordéis, cordas e cabos; artigos de cordoaria
57. Tapetes e outros revestimentos para pavimentos, de matérias têxteis
58. Tecidos especiais; tecidos tufados; rendas; tapeçarias; passamanarias; bordados
59. Tecidos impregnados, revestidos, recobertos ou estratificados; artigos para usos técnicos de matérias têxteis
60. Tecidos de malha
61. Vestuário e seus acessórios, de malha
62. Vestuário e seus acessórios, exceto de malha
63. Outros artefatos têxteis confeccionados; sortidos; artefatos de matérias têxteis, calçados, chapéus e artefatos de uso semelhante, usados; trapos



Seção XII Calçados, Chapéus e Artefatos de Uso Semelhante, guarda-chuvas, guarda-sóis, bengalas, chicotes, e suas partes; penas preparadas e suas obras; flores artificiais; obras de cabelo

Capítulos:

- 64. Calçados, polainas e artefatos semelhantes, e suas partes
- 65. Chapéus e artefatos de uso semelhante, e suas partes
- 66. Guarda-chuvas, sombrinha, guarda-sóis, bengalas, bengalas-assentos, chicotes e suas partes
- 67. Penas e penugem preparadas, e suas obras; flores artificiais; obras de cabelo.

Seção XIII Obras de Pedra, Gesso, Cimento, Amianto, Mica e Produtos Cerâmicos; vidro e suas obras

Capítulos:

- 68. Obras de pedra, gesso, cimento, amianto, mica ou de matéria semelhante
- 69. Produtos cerâmicos
- 70. Vidro e suas obras

Seção XIV Pérolas naturais ou cultivadas, Pedras Preciosas ou semi-preciosas e semelhantes, Metais Preciosos, Metais Folheados ou Chapeados de metais preciosos, e suas Obras; bijuterias; moedas

Capítulo:

- 71. Pérolas naturais ou cultivadas, Pedras Preciosas ou semi-preciosas e semelhantes, Metais Preciosos, Metais Folheados ou Chapeados de metais preciosos, e suas Obras; bijuterias; moedas

Seção XV Metais Comuns e suas Obras

Capítulos:

- 72. Ferro fundido, ferro e aço
- 73. Obras de ferro fundido, ferro ou aço
- 74. Cobre e suas obras

- 75. Níquel e suas obras
- 76. Alumínio e suas obras
- 77. Reservado para uma eventual utilização futura no sistema harmornizado
- 78. Chumbo e suas obras
- 79. Zinco e suas obras
- 80. Estanho e suas obras
- 81. Outros metais comuns; ceramais ("cermets"); obras destas matérias
- 82. Ferramentas, artefatos de cultelaria e talheres, e suas partes, de metais comuns
- 83. Obras diversas de metais comuns

Seção XVI Máquinas e Aparelhos, material elétrico, e suas partes; aparelhos de gravação ou de reprodução de som, aparelhos de gravação ou de reprodução de imagens e de som em televisão, e suas partes e acessórios

Capítulos:

- 84. Reatores nucleares, caldeiras, máquinas, aparelhos e instrumentos mecânicos, e suas partes
- 85. Máquinas, aparelhos e materiais elétricos, e suas partes; aparelhos de gravação ou de reprodução de som, aparelhos de gravação ou reprodução de imagens e de som em televisão, e suas partes e acessórios

Seção XVII Material de Transporte

Capítulos:

- 86. Veículos e material para vias férreas ou semelhantes, e suas partes; aparelhos mecânicos (incluído os eletromecânicos) de sinalização para vias de comunicação
- 87. Veículos automóveis, tratores, ciclos e outros veículos terrestres, suas partes e acessórios
- 88. Aeronaves e aparelhos espaciais, e suas partes
- 89. Embarcações e estruturas flutuantes

Seção XVIII Instrumentos e Aparelhos de Óptica, Fotografia ou cinematografia, medida, controle ou de precisão;



Instrumentos e aparelhos médico-cirúrgicos; aparelhos de relojoaria; Instrumentos Musicais, suas Partes e Acessórios

Capítulos:

- 90. Instrumentos e aparelhos de ótica, fotografia ou cinematografia medida, controle ou de precisão; instrumentos e aparelhos médico-cirúrgicos; suas partes e acessórios
- 91. Aparelhos de relojoaria e suas partes
- 92. Instrumentos Musicais, suas partes e acessórios

Seção XIX Armas e Munições; suas partes e acessórios

Capítulo:

- 93. Armas e munições; suas partes e acessórios

Seção XX Mercadorias e Produtos Diversos

Capítulos:

- 94. Móveis, mobiliário médico-cirúrgico, colchões, almofadas e semelhantes, aparelhos de iluminação não especificados nem compreendidos em outros capítulos; anúncios, cartazes ou tabuletas e placas indicadoras luminosas, e artigos semelhantes, construções pré fabricadas
- 95. Brinquedos, jogos, artigos para divertimento ou para esporte, suas partes e acessórios
- 96. Obras diversas

Sessão XXI Objetos de arte, de coleção de antigüidades

Capítulo:

- 97. Objetos de arte, de coleção e antigüidade